

Instituições de Solidariedade e Humanistas: Discursos das e dos Profissionais

Alexandra Dourado e Elisabete Brasil

28 de Janeiro de 2011

F.P.C.E. da Universidade do Porto

CIIE



**AMOR, MEDO
e PODER**

Percursos de vida para a não violência
Projeto de Investigação



English version



Objectivo

Partindo da análise dos discursos das e dos profissionais assim como das direcções das instituições aqui denominadas de solidariedade e humanistas:

- ✓ Perceber de que modo se estrutura a intervenção em casa de abrigo;
- ✓ Qual a representação sobre a violência de género em contexto de casa de abrigo;
- ✓ Qual a intervenção das equipas;
- ✓ Perceber de que modo o projecto casa de abrigo influenciou os objectivos das instituições que o acolheram;
- ✓ E de que modo esse projecto ampliou o conhecimento das direcções sobre a violência de género.

Método

- Análise de entrevistas semi-estruturadas;
- Com duração de aproximadamente 1 hora;
- Dirigidas às equipas de 2 Casas de Abrigo da Rede Pública de Casas de Abrigo em Portugal;
- Responderam às entrevistas as equipas técnicas e as direcções, num total de 6 entrevistas.

Método

- As instituições entrevistadas, tomaram a seguinte codificação CA3 e CA5;
- Para referenciar as e os entrevistados, utiliza-se:
 - ✓ *d* para Direcção
 - ✓ *dt* para Directora Técnica
 - ✓ *p* – para Psicóloga/a
 - ✓ *tss* – para uma Assistente Social que se encontra a tempo parcial

Estrutura da Apresentação de Resultados

- Caracterização das instituições;
- Como surge o projecto casa de abrigo na instituição e outro trabalho na área da violência de género;
- Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa da casa de abrigo;
- Caracterização das utilizadoras da casa de abrigo;
- Constrangimentos e dificuldades sentidas em casa de abrigo;
- Modelo e objectivos da intervenção em casa de abrigo.

Caracterização das instituições

As instituições em análise apresentam-se como entidades reconhecidas pela sua experiência, tradição e trabalho na área social. A intervenção com crianças/jovens e idosos/as, a gestão de equipamentos sociais nestas áreas, assim como a intervenção com populações carenciadas, decorrem da sua missão e objectivos programáticos.

Caracterização das instituições

" (...) nós também estamos vocacionados para o trabalho com outras instituições, com outras franjas etárias e sociais mais frágeis e é esse o nosso objectivo. Trabalhamos as questões das respostas sociais, respostas na área, também, da saúde, na área da educação (...)" (CA3)(pág.2)

d

"Portanto, basicamente ela movimenta-se em dois grupos: na área da saúde e na área da acção social" (CA5) (p.1) d

Surgimento do projecto CA

É do reconhecimento da sua experiência na área da acção social e gestão de equipamentos de infância e geriátricos, a par do diagnóstico de necessidades da parceria, que surge esta possibilidade de intervenção.

Surgimento do projecto CA

"...da rede social, e articulamos para ver que tipo de respostas são necessárias na comunidade, (...)"(CA3)(pág.2) d

"Não foi naquele domínio de dizer assim: "-Ah, nós temos muitos casos de violência por cá." Não. Não é. Não foi nesse sentido. Foi de termos um edifício que poderia dar uma resposta social e em que área nós poderíamos escolher." (CA3) (pág.5) d

"... ser a entidade gestora desta mesma casa, foi a proposta da Câmara." (CA5) (p.1) dt

Surgimento do projecto CA

Neste sentido e numa das entidades, a Casa de Abrigo surge como resposta local e não como um recurso a nível nacional.

“De emergência, também, mas para dar resposta às situações que apareceram no concelho. (...)” (CA3) (pág.4) p

Surgimento do projecto CA

Contudo, a instituição viria, com a experiência e conhecimentos adquiridos, a adequar o serviço, assumindo a Casa de Abrigo como resposta a nível nacional.

"Não só porque a lei não o permite, mas também porque percebemos muito rapidamente que não era a resposta ideal. Não é? Pelo contrário. Portanto, nesse sentido houve uma mudança grande. Como é óbvio, recebemos pessoas de todos os pontos do país, Portugal Continental e Ilhas. Surge no âmbito alargado de necessidade de promoção das questões da igualdade." (CA3) (pág.4) p

Surgimento do projecto CA

A centralidade do tema violência doméstica na agenda política e no elenco das prioridades políticas contribuiu igualmente para o surgimento de respostas sociais nesta área, designadamente das Casas de Abrigo para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica.

"... na altura em que abriu a casa abrigo, tínhamos a perfeita noção de que havia muita orientação do Governo para apostar na área da violência doméstica. (CA3) (pág.4) d

Surgimento do projecto CA

Por outro lado, o compromisso e intencionalidade de assegurar um leque variado de respostas sociais, aliado à disponibilidade de meios próprios das instituições ou das parcerias, foram determinantes no surgimento da resposta Casas de Abrigo, dispondo de meios próprios facilitadores à implementação do recurso.

Surgimento do projecto CA

"... tínhamos a casa, tínhamos uma vontade de alguém que tínhamos que orientar para que fim é que seria aquele edifício. Porque o nosso objectivo era criar uma resposta, que poderia ser aquela ou poderia ser outra, mas surgiu numa área que também era uma área que nos preocupava. Para além de que nós já tínhamos outro tipo de respostas, nomeadamente lares, jardins-de-infância, etc...." (CA3) (pág.4/5) d

Surgimento do projecto CA

“... a Câmara Municipal X tinha um espaço físico, pensou criar esta valência e convidou a Y para agarrar o projecto” (CA5) (pág.2) d

O trabalho em Casa de Abrigo teve como consequência, numa das instituições, o potenciar outros níveis de intervenção na área da violência de género.

Surgimento do projecto CA

"... surge primeiro a casa abrigo mas logo, no ano seguinte, nesse ano nós concorreremos a um projecto que complementa a casa abrigo, ... ". Que integrou um estudo sobre a violência doméstica, um estudo qualitativo, sobre a violência doméstica neste concelho; acções de sensibilização para jovens, nas escolas, para famílias sinalizadas, famílias, potencialmente, de risco. Lá está: era um projecto complementar à casa abrigo, ...

" (CA3) (pág.4) p

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Em termos da organização interna das instituições, a Casa de Abrigo surge como resposta atípica dentro do leque de respostas sociais já existentes e uma das instituições refere que houve necessidade de se adaptarem a esta nova valência.

“Algumas coisas adaptamos também à nossa estrutura. Inicialmente, nós tínhamos uma chefe de departamento que é uma figura que temos em todos os lares, que é uma pessoa que gere o dia-a-dia da casa a nível de pessoal e de recursos físicos, requisições, etc. Mas depois, achámos que não faria muito sentido numa casa onde ...” (CA3) (pág.6) d

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Na implementação da resposta social Casa de Abrigo, a constituição das equipas, a nível do perfil e competências foi uma preocupação das instituições, destacando mesmo pessoal de outras valências no sentido de garantir uma maior segurança na intervenção.

“Outras delas foram recrutadas de outras valências que já tínhamos, portanto, transitaram para outras valências e, portanto, fizemos uma selecção, que eu considero até conscienciosa e rigorosa, e que não errámos muito porque temos uma boa equipa”.

(CA3) (pág. 7) d

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

"E aí tivemos muito cuidado na selecção das pessoas que iriam para lá. ... tentamos que fossem pessoas que no mercado de trabalho tivessem dado algumas provas (...) têm de ser pessoas com uma certa estabilidade, para saber lidar com estes problemas que surgem, tanto na parte das crianças como na parte das mulheres, que não deve ser fácil" (CA5) (pág.5) d

Numa das instituições em análise, a inclusão de um elemento do sexo masculino na equipa técnica foi considerado como prioritário para o sucesso da intervenção, ainda que não extensível à equipa de ajudantes lar.

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

"(...) a nossa casa contrariou os parâmetros normais, em termos de pessoal, das outras casas existentes no país (...) porque como já sabem, já verificaram, nós temos um homem na casa abrigo (...) o projecto era apresentado sem a figura masculina (...) lutei muito para contrariar isto" (CA5) (pág.3) d

" (...) as ajudantes de lar são mulheres" (pág. 3) "(...) já casadas, com uma certa idade, com um percurso de vida mais ou menos... que nós víamos que era mais ou menos calminho (...)" (CA5) (pág.4) d

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

No sentido de aumento do conhecimento e experiências anteriores, uma das instituições em análise procura conhecer o trabalho de outras organizações, adaptando esse conhecimento à realidade da sua própria organização.

“É engraçado porque, quando nós fomos visitar outras casas abrigo, ...” (CA3) (pág.8) d

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Relativamente aos princípios de intervenção com mulheres vítimas de violência doméstica as instituições seguem os princípios gerais que enquadram a actividade da organização e consensualizados. Em algumas situações, a resposta é dada em termos dos objectivos da instituição.

“O nosso princípio fundamental é o respeito por cada um. É a relação baseada no respeito e na individualidade e na solidariedade, basicamente” (CA5) (p.2) dt

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

“A origem terá sempre esse fio condutor, que é o responder às necessidades da comunidade, numa dimensão dos mais fragilizados, dos mais necessitados e isso mantemos o nosso objectivo.” (CA3) (pág.2) d

Quanto a princípios específicos para a intervenção em Casas de Abrigo e relativos à segurança das utilizadoras, como sejam confidencialidade, segurança, anonimato, é claro numa das instituições a não consensualidade nos discursos.

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

" (...) desdramatizamos isto de uma forma fantástica que é, se eles descobrem onde elas estão, enquanto elas estão em segurança e estão na nossa casa, melhor ainda. Porque eles depois sabem que elas estão connosco, e é melhor eles descobrirem agora do que descobrirem quando elas estiverem em casa sozinhas e elas se sentirem desamparadas. Porque neste momento estão à nossa guarda, não é?" (CA3) (pág.8) d

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Na mesma instituição, a visão da confidencialidade e segurança da Casa de Abrigo e das utilizadoras é colocada como constrangimento e insegurança, debelado pela intervenção das forças policiais.

“aí houve perseguições sistemáticas de... ela saía para acompanhar os filhos à escola e ele aparecia e ia atrás...” (CA3) (pág.11) tss

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

“De todo o serviço. Dos colaboradores, das restantes pessoas que estão aqui a residir e que nada têm a ver com aquele agregado. Questões de nos irem bater, de nos ameaçarem na rua, enfim. Sujeitamo-nos, um bocadinho, a estas situações. Temos uma PSP muito colaborante que, às vezes, em situações de crise, como eu lhes chamo, que às vezes são situações de crise, quase nos estão à porta 24 sobre 24 horas, porque estamos sempre a chamá-los, porque não há segurança para circularmos...” (CA3) (pág.12/13) p

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Quanto ao impacto desta intervenção na vida pessoal, há uma quase unanimidade na afirmação de que o seu trabalho interfere na sua vida pessoal, quer em termos de pensamento, quer em termos de horários.

“Realmente, quem trabalha na área social nem sempre é fácil. Às vezes é ao contrário. Nós acabamos por criar um distanciamento também...aquela dureza, aquela carapaça, não é? (...)?” (CA3) (pág.16) d

“ (...) e exige uma grande disponibilidade, que se calhar a minha vida pessoal fica para segundo plano. ...” (pág. 8) “ (...) Interfere.” (pág. 9) (CA5) dt

Organização, funcionamento, constituição e formação da equipa

Das entrevistas em análise, só o profissional do sexo masculino é que afirma conseguir fazer a separação entre a sua vida profissional e pessoal.

“ Gere-se bem. Isso, acho que consigo fazer bem. (...) não sofri nem fiz sofrer a minha família com esse tipo de problemáticas. (...) é um treino que se faz (...) que é de desligar o botão e de conseguir com que a nossa dinâmica familiar não seja atingida por isso.” (CA5) (pág. 15) p

Caracterização das utilizadoras

Foi possível perceber, pela análise dos discursos das e dos profissionais, assim como pelas direcções, um olhar filtrado pela sua especialidade de intervenção no apoio a populações mais fragilizadas.

" ... e é interessante ver como pessoas, que geralmente vêm com poucas condições habitacionais, com muitos problemas familiares, como é evidente, por isso mesmo é que recorrem a isso, ...". (CA3) (pág.4) d

Caracterização das utilizadoras

"E que muitas vezes está diminuída e está fragilizada, ..." (CA5)
(pág.4) dt

Numa das entrevistas, foi possível obter informação relativa à situação das mulheres face ao emprego, antes de integrarem a Casa de Abrigo.

Caracterização das utilizadoras

“Trabalhavam, a maioria trabalhava, sim.” (CA5) (pág.4) dt

Contudo, na mesma instituição, co-existe a ideia de que as mulheres dependiam economicamente dos seus parceiros e fora do mercado de trabalho.

“Se calhar estas pessoas não podem, de alguma forma...e porque necessitam do parceiro economicamente, e faz com que elas, como não têm trabalho, não querem trabalhar, fiquem rendidas, ali, àquela vida, ...” (CA5) (pág.9) d

Constrangimentos e dificuldades

As e os profissionais identificam aspectos que percebem como dificuldades nas mulheres, os quais podemos associar aos processos de vitimação e seu impacto.

“Os principais problemas, eu acho, que é a baixa auto estima. E a ansiedade. ... O principal constrangimento delas próprias” (CA5) (pág.7) dt

Constrangimentos e dificuldades

“Mas eu acho que é, embora a gente consiga trabalhar a autonomia, mas é cortar o cordão umbilical. Porque é isso. Pessoas que se sentiram inseguras, muitas delas tantos anos, e que encontraram ali aquela tábua de salvação, embora tenha aquele problema dos horários, e de não sei quê, e da refeição, e não sei que mais, também têm a vantagem...” (CA3) (pág.10) d

“ (...) Custa-me muito, custa-me muito ver, perceber, o sofrimento que alguns agregados familiares passam, durante anos, isso custa-me um bocado. (...)” (CA5) (pág.14) p

Constrangimentos e dificuldades

Numa das instituições, são identificadas algumas limitações nas vítimas em termos dos seus papéis associados à maternidade e gestão de casa.

“E que muitas vezes está diminuída e está fragilizada, vem fragilizada de casa e tem dificuldade de se impor. É a nossa grande luta, é que as mulheres que não assumiam a figura de mãe, quer na parte afectiva, quer na parte de construir regras e não conseguiam transmitir isso aos filhos.” (CA5) (pág.4) dt

Constrangimentos e dificuldades

" (...) porque as coisas, às vezes também não andam muito bem dentro dos meios familiares, porque elas às vezes também não têm o mínimo de responsabilidade nem com os filhos nem com as tarefas, vá lá, mínimas." (CA5) (pág.7) d

O discurso das/os profissionais é consensual na identificação de constrangimentos externos à instituição, no processo de autonomia.

"Continuo a achar que o grande problema é a morosidade da justiça. Que faz com que os processos andem em Tribunal tempos a fio, nomeadamente nos processos de agressões

Constrangimentos e dificuldades

“Continuo a achar que o grande problema é a morosidade da justiça. Que faz com que os processos andem em Tribunal tempos a fio, nomeadamente nos processos de agressões crime.” (CA5) (pág. 11) dt

“Dificuldade de arranjar casa, mulheres com fracas habilitações, com salários baixos, a conseguirem pagar casas de 300€. É impensável.” (CA5) (pág. 7) dt

“Depois a própria conjuntura do momento, taxa de desemprego alta.” (CA5) (pág. 7) dt

*“A nível de oferta, a nível habitacional, é muito complicado.” (...)
(CA3) (pág.12) dss*

Modelo e objectivos da intervenção

Relativamente ao modelo teórico que sustenta a intervenção, a maioria das/os profissionais não o identifica, explicitando antes, o objectivo da intervenção com recurso aos princípios seguidos na instituição.

“O nosso princípio fundamental é o respeito por cada um. É a relação baseada no respeito e na individualidade e na solidariedade, basicamente” (CA5) (pág.2) dt

“ (...) respeito por elas, pelos filhos, pelas funcionárias, por nós, por todas.” (p.5) ca5dt

Modelo e objectivos da intervenção

*“O que nós tentamos é inculcar os nossos valores, (...)” (CA5)
(pág.2) dt*

“Nós tentamos sempre basear a nossa intervenção na perspectiva do empowerment. Muitas mulheres são capazes.” (CA5) (pág.10) dt

*“ (...) é um modelo cognitivo-comportamental. É um modelo que assenta muito no diálogo com as pessoas que elas vejam ou consigam ver que caminho é que devem levar, o que é que está mal e o que é que está bem, o que é que conseguiram (...)”.
(CA5) (pág. 13) p*

Modelo e objectivos da intervenção

“A principal missão é que as mulheres consigam a sua autonomia e tenham contacto com um modelo que não passa pela violência.” (...) Tendo em conta as expectativas e as vontades delas aquilo que definem para elas próprias quer concordemos ou não.” (CA5) (pág.1); dt

Modelo e objectivos da intervenção

“O nosso principal objectivo é olhar para essas pessoas e junto com elas, alinhar um projecto, vendo as necessidades, delinear um projecto para que a saída da Casa seja o mais breve possível e se consiga construir ali, digamos que um trampolim, sólido, para que depois cá fora a pessoa se sinta forte o suficiente para enfrentar a vida.” (CA5) (pág.2/3) p

Modelo e objectivos da intervenção

“As regras, a autonomia e a responsabilidade e a disponibilidade. Nós partimos do princípio que estamos a trabalhar com pessoas adultas e capazes, que foram, se calhar, muitas delas tratadas como incapazes durante toda a sua vida. Portanto nós temos que capacitá-las e mostrar-lhes, acima de tudo, que elas são capazes.” (CA3) (pág. 8) p

Discussão

Tendo a resposta casa abrigo surgido do diagnóstico da parceria e do reconhecimento da vasta experiência destas instituições nas áreas de intervenção em acção social e equipamentos de infância e geriátricos, a intervenção em casa abrigo, apesar de algum cuidado e actualização de conhecimentos, surge num continuum com os outros equipamentos. O conceito de violência de género é conceptualizado como um problema social. Deste modo a intervenção é filtrada pelo olhar e pela experiência da intervenção com populações desfavorecidas.

Discussão

Apesar do trabalho desenvolvido pelas equipas técnicas a par do aumento do seu conhecimento, tal não aparenta ter impacto no conhecimento sobre violência de género por parte das direcções que ora têm uma concepção de vítima fundada em estereotípias de género ora nutrem especial desconhecimento sobre as dificuldades da intervenção.

Discussão

Parece consensual, entre as instituições, o reconhecimento do crime e da inversão da justiça quando a resposta que têm para vítimas de violência é uma casa abrigo. Assim como parece consensual, entre as equipas, que a intervenção deverá passar pelo empowerment; porém, quando a mesma é concretizada, o que se evidencia é a preocupação do cumprimento de regras associadas a esteriótipos de género: mãe e gestora doméstica. Parece-nos, assim, que as equipas se apropriam da missão da instituição procurando fazer a ligação com este novo serviço.

Discussão

Walker (1981) sugere a relação entre os papéis do homem e da mulher na sociedade e a violência conjugal. Considera que as e os psicoterapeutas deverão estar conscientes de que a forma como pensam o papel tradicionalmente atribuído ao homem e à mulher interfere na adequabilidade da intervenção.

Deste modo e considerando a valorização que as equipas e as direcções das instituições com esta ideologia fazem dos papéis das mulheres vítimas associando-as a funções do espaço privado, tal poderá, na perspectiva da autora, comprometer os objectivos da intervenção. Podemos ainda acrescentar que poderá aumentar o risco de revitimização.

Discussão

Tal como afirma a autora, consideramos que uma maior flexibilidade na conceptualização dos papéis sociais de homens e mulheres por parte das equipas tornará a intervenção mais adequada.